



DO CONTO DO VIGÁRIO AO ESCÂNDALO DO MEC: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO JEITINHO BRASILEIRO

Patrícia Rebouças Oliveira¹

Gilberto Nazareno Telles Sobral²

Considerações iniciais

Na nossa sociedade, fatores históricos formaram um aspecto cultural bastante peculiar e característico nomeado de jeitinho brasileiro. Ele é conhecido por caracterizar um conjunto de práticas para situações conflituosas ou de difícil resolução, adotando métodos de caráter contestável e burlando leis estabelecidas previamente. Não se sabe, com precisão, a origem deste termo, entretanto, momentos históricos comprovam situações que contribuíram para que esses dizeres fossem validados e reafirmassem a representação identitária do que é ser brasileiro construindo uma imagem que pode ir da criatividade até a ilegalidade.

De acordo com a antropóloga Barbosa (1982), o jeitinho é um modo especial de resolver algo difícil ou proibido, driblando regras e normas e até mesmo leis, por meio da conciliação entre inteligência, esperteza e habilidade, em prol de um objetivo pessoal. Já para o antropólogo DaMatta (1983), o Brasil caracteriza-se como um país hierárquico e patrimonialista, no qual a posição social dos indivíduos influencia fortemente na definição do que se pode e do que não se pode fazer.

Além dos antropólogos Barbosa (1982) e DaMatta (1983), que, de forma geral, abordam esse traço comportamental como uma espécie de atributo psicológico da cultura do povo brasileiro, uma prática histórica no Brasil e frequente no cotidiano como se fosse um patrimônio, o historiador e sociólogo Holanda, escritor do livro *Raízes do Brasil* (1936), desenvolveu o conceito de homem cordial que significa aquele que age com o coração dando prioridade às relações pessoais, deixando de lado o cumprimento das leis.

Desta forma, busca-se, à luz da teoria da Análise de Discurso materialista (fundada pelo filósofo Michel Pêcheux), compreender os efeitos de sentidos a respeito da imagem do Brasil enquanto o país do jeitinho, da malandragem e da corrupção, a partir da análise de dois trechos do samba-enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba São Clemente, no carnaval do Rio de Janeiro de 2020, intitulado “O conto do vigário”, observando como esse conceito é atualizado e contribui para a manutenção desse estereótipo sobre o brasileiro. Isso porque todo discurso é uma construção social que reflete uma visão de mundo vinculada a de seus sujeitos e à sociedade em que estão inseridos.

¹ Doutoranda e Mestra em Estudo de Linguagens pelo PPGEL/UNEB, Campus I – Salvador. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: reboucaspatricia1@gmail.com

² Pós Doutor em Estudos Linguísticos (UEFS), Doutor e Mestre em Letras e Linguística (UFBA), Professor permanente do PPGEL/UNEB – Campus I – Salvador. E-mail: gsobral@uneb.br



Do conto do vigário ao escândalo do MEC

Objetiva-se aqui analisar efeitos de sentidos e suas respectivas condições de produção acerca da expressão *O conto do vigário*, a partir da utilização no samba-enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba São Clemente. Essa expressão pode apresentar significações variadas, mas, em sua maioria, está relacionada à aplicação de algum golpe. Dito isso, uma das significações mais conhecidas e também presente nos comentários feitos por carnavalescos durante o desfile da Escola São Clemente, aponta para um fato ocorrido no século XVIII, em Ouro Preto – Minas Gerais, como observado no trecho a seguir:

O sino toca na capela e anuncia:
Nossa Senhora, começou a confusão!
Quem vai ficar com a imagem de Maria
O burro vai tomar a decisão
Mas o jogo estava armado
Era o **conto do vigário**

Situadas na Praça Tiradentes, as duas igrejas - Paróquia de Nossa Senhora do Pilar e Paróquia de Nossa Senhora da Conceição - disputavam os fiéis. Essa disputa ficou ainda mais acirrada quando um fiel fez uma doação de uma imagem de Nossa Senhora banhada a ouro. É válido ressaltar que, em meio a essa disputa, seria um grande diferencial ter, em sua paróquia, a figura de Nossa Senhora e, por isso, foi gerada uma grande discussão entre os vigários de cada igreja para decidir onde ficaria a tão desejada representação.

Nesse contexto, a nenhum consenso se chegou e um dos vigários teve a seguinte ideia: amarrar a imagem da santa no lombo de um burro, colocá-lo no meio da praça e deixá-lo caminhar livremente. Como as paróquias ficavam localizadas uma em cada extremidade da praça, para o lado que o burro caminhasse, nesta ficaria a figura da santa. Exposta a ideia do primeiro vigário, o segundo achou pertinente, já que pelo diálogo não tinham conseguido êxito. Além disso, o primeiro vigário argumentou que colocando a santa amarrada ao burro, seria a forma ideal para que a decisão fosse tomada por Deus ao direcionar o animal.

E assim foi feito: amarrada ao lombo do animal, seguiu a escultura de Nossa Senhora para o centro da praça. Após soltarem o burro, este caminhou em direção à Paróquia de Nossa Senhora do Pilar (paróquia do vigário que deu a ideia), o que a tornou a igreja escolhida para ficar com a representação da santa. Entretanto, após esse feito, descobriu-se que o animal que levou a imagem da santa e tomou a decisão, pertencia ao primeiro vigário que deu a ideia e, por isso, o burro já estava acostumado a realizar esse percurso em direção à Igreja do Pilar, fazendo com que a decisão fosse entendida como forma de tirar proveito e não decisão divina, como argumentada anteriormente.

Assim, esse fato ficou conhecido como: o conto do vigário, ou seja, quando alguém (religioso ou não), usa da má-fé para tirar proveito ou ganhar vantagem sobre alguma situação, podendo envolver prejuízo financeiro ou não. Todavia, segundo Orlandi (2007, p. 22) “discurso não é fala, isto é, uma forma individual concreta de habitar a abstração da língua. [...] Os discursos estão duplamente determinados: de um lado pelas formações ideológicas que os relacionam a formações discursivas e, de outro, pela



autonomia relativa da língua”. Desta forma, não basta falar para que se chegue a um efeito de sentido e, sim, relacionar elementos linguísticos, históricos e psicológicos que levem a uma construção de sentido.

Feita essa explanação sobre um efeito de sentido possível para o uso dessa expressão, observa-se como um acontecimento acabou por reforçar essa imagem de malandragem existente no país e também contribuir diretamente para a cristalização desse efeito quando se pensa a representação estereotipada do brasileiro frente a situações cotidianas, sempre com intuito de tirar proveito ou enganar alguém. De acordo com Orlandi (2009, p.35), “quando nascemos, os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós. Isso não significa que não haja singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam. Mas não somos o início delas. Elas se realizam em nós em sua materialidade”.

Nesse sentido, não se pode deixar de comentar como uma Formação Ideológica Religiosa (que diz o que se deve pensar) se faz presente e soberana a ponto de ninguém questionar os meios utilizados para se chegar a um consenso, tendo em vista que se tratavam de dois representantes religiosos, disputando por uma imagem de Nossa Senhora. Contudo, vale ressaltar que esse efeito de sentido, apesar de estar relacionado ao início do processo de colonização do Brasil, não representa exclusivamente a origem da expressão, isso porque, segundo Orlandi (2009, p. 39) “não há começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis”.

Observa-se também a relação de força existente para os efeitos de sentidos analisados, pois “segundo esta noção, podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (Orlandi, 2009, p. 39), visto que a posição de prestígio social influenciou para que a ideia de amarrar a santa ao lombo do burro fosse aceita, fato que marca o discurso religioso como verdadeiro e inquestionável, tanto que a vontade divina que conduziria o animal. Entretanto, essa não deveria ser uma ação característica de um vigário, ou seja, a Formação Ideológica Religiosa sofreu um atravessamento levando aos efeitos de mentira, enganação e trapaça, e isso provocou o adjetivo vigarista que é derivado dessa noção de vigário, como característica para aqueles que praticam ações de forma esperta e obtêm vantagens pessoais.

Vale ressaltar que essa prática vai muito além da figura do religioso: relações entre familiares, amigos, cargos de poder como políticos, professores; além daqueles que fazem da prática ilegal uma forma de viver, como os estelionatários. A partir da memória discursiva que recupera dizeres relacionados a esse efeito de sentido, por meio do interdiscurso, nota-se que o fato ocorrido no século XVIII, se mostra extremamente atual ao analisar casos como o Escândalo dos pastores do Ministério da Educação (MEC), analisado a partir do seguinte trecho do samba-enredo:

Hoje, o **vigário de gravata**
Abençoa a mamata
Lobo em pele de cordeiro



Sobre esse fato é importante pontuar: no mês de março de 2022, foi à tona uma série de práticas realizadas por pastores evangélicos dentro do Ministério da Educação, sob a responsabilidade do, até então, ministro da educação Milton Ribeiro, no ano de 2021. Sites e jornais no Brasil publicaram informações, conversas e áudios sobre o que ficou conhecido como Escândalo dos Pastores do MEC.

Desde o ano de 2021, quando o deputado Milton Ribeiro foi nomeado como Ministro da Educação pelo Presidente Jair Messias Bolsonaro, após uma série de nomeações mal sucedidas e interrompidas por fraudes e corrupções, o novo nomeado também não agiu diferente. Segundo sites jornalísticos como a CNN Brasil (2022) e a Folha de São Paulo (2022), Milton Ribeiro liberava o acesso de dois pastores evangélicos - Gilmar Silva Santos e Arilton Moura Correia, ambos sem cargo público, ou seja, não eram funcionários do Governo e nem tampouco tinham compromisso com o erário-, ao Ministério da Educação.

Os pastores citados tinham uma importante função: criar reuniões, encontros e jantares, fora do expediente e do Congresso, com prefeitos de variados municípios brasileiros a fim de liberar recursos para construções de escolas, creches, centros educacionais (tudo relacionado à pasta da Educação), em seus respectivos municípios sob uma única condição: pagamento de propinas, segundo o site da CNN Brasil (2022). Feito esse pagamento, os pastores levariam os pedidos diretamente para o Ministro Milton Ribeiro que faria a liberação das verbas.

Assim, vários prefeitos foram convidados e participavam dos jantares, alguns realizavam o pagamento das propinas que variavam entre 15 a 40 mil reais, chegando até a pagamentos feitos em barras de ouro. Outros, no entanto, abandonavam os encontros quando explicado o objetivo e chegavam a realizar denúncias, o que fez com que o escândalo fosse veiculado. Dito isso, vale ressaltar que uma análise como a realizada aqui não diz respeito exclusivamente a um enunciado, no caso *O conto do vigário*, e sim, a toda uma prática, que envolve um comportamento humano em lugares de poder, questões históricas e políticas, que remetem a um efeito de sentido anterior, recuperado pela memória discursiva (parte) do interdiscurso (todo), que se relaciona e reforça uma representação no imaginário social do país, do brasileiro enquanto corrupto, sobretudo, os políticos.

Assim, a partir do interdiscurso, que segundo Orlandi (2009, p. 31) “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada”, é importante pensar sobre o movimento dos já ditos que ocorre para que esse efeito seja atualizado: o conto do vigário, como explicado anteriormente, se relaciona a um fato cometido por um religioso, que socialmente ocupa um lugar de prestígio, e como se observa no próprio samba, nos versos destacados aqui, existe uma atualização da formação ideológica religiosa católica (vigário), para uma formação ideológica evangélica (pastores).

Existe também uma espécie de atualização da função exercida pelo representante do poder: anteriormente de vigário (religião), para “vigário de gravata” (religião - política). Observa-se neste momento o atravessamento de formações, pois mesmo numa formação ideológica religiosa, a formação política se fez presente e relevante, pois, no caso dos pastores, mesmo não sendo funcionários públicos, ainda assim



ocupavam esse lugar e tinham essa autonomia. Isso nos leva a noção de que não há discursos que não se relacionem com outros, porque a Igreja, desde os primórdios, ocupa um lugar de muito poder. Em alguns casos, esse poder pode ter um efeito maior que o Estado e assim, consequentemente, a figura do padre é tida como um grande símbolo de autoridade, sendo aquele para quem se deve ter obediência e respeito.

Já no tocante às condições de produção que circundam esse fato, observa-se que “[...] compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória ‘aciona’, faz valer as condições de produção.” (Orlandi, 2009, p. 30). Além disso, elas são consideradas em **contexto amplo**: retomada de todo o aspecto histórico que constitui a igreja e o discurso religioso com elementos como a expressão “O Conto do vigário”, no século XVIII, em Ouro Preto (MG); a partir da disputa entre os vigários das paróquias de Nossa Senhora do Pilar e Nossa Senhora da Conceição; e em **contexto imediato**: 2021, em municípios brasileiros, pastores sem cargos públicos pedem propina a prefeituras para liberação de recursos do MEC.

Graças ao funcionamento do interdiscurso, que possibilita recuperar fatos históricos pelo filtro da memória discursiva, a formulação de sentidos estabelece uma ligação imediata entre as condições de produção amplas e estritas até a formulação de sentidos e a sua concretização nos dizeres. Isso porque, o discurso ao ser produzido e interpretado, constitui uma ação social em um contexto situacional ideologicamente marcado. É válido ressaltar que tudo isso ocorre porque os sentidos não são fixos, sempre podem ser outros.

Conforme Pêcheux (1997, p. 74), “existe uma verdade objectiva, isto é, pode haver nas representações humanas um conteúdo que não depende do sujeito, que não depende nem do homem nem da humanidade?” Assim, o discurso é uma construção linguística relacionada aos sujeitos e ao contexto social no qual é desenvolvido. Desta forma, foi possível relacionar o Escândalo dos pastores no MEC a um discurso anterior distinto socialmente e que faz parte do imaginário que se tem do Brasil como o país da vigarice, do jeitinho e da corrupção; pois o fato ocorrido remete a um efeito de sentido existente acerca da expressão “O conto do vigário”, atualizando-o.

Considerações finais

Com a análise discursiva desenvolvida neste trabalho, foi possível observar que desde o século XVIII, até os dias atuais, os fatos narrados nas estrofes do samba-enredo da São Clemente contribuem para a ideia do brasileiro, sobretudo, como malandro, sempre se esquivando das leis para tirar proveito. Com isso, através da atualização do efeito de verdade, as análises construídas mostraram o quanto a possibilidade de interpretação e o conhecimento de mundo permitem aos seres humanos diferentes sentidos diante das mais diversas situações para um mesmo conceito ou acontecimento.

Em um trabalho como este, expõe-se a possibilidade de efeitos de sentidos diversos, revelando como o discurso se transforma de forma inesperada e diferente para cada ser. Mesmo compartilhando dos



mesmos códigos e regras dentro de uma mesma cultura (no caso, a brasileira), é possível identificar práticas sociais de acordo com as experiências de cada um, mas que ao mesmo tempo são coletivas. Mais que isso, é importante ressaltar que uma mesma palavra ou expressão podem assumir sentidos opostos para sua significação, porque esse jeitinho envolve fatores aparentemente simples, mas que alcançam questões extremamente complexas, pois abarcam fatores históricos, sociais, culturais, éticos, morais e psicológicos.

Desta forma, o que interessa ao analista não é a mera identificação de fórmulas estereotipadas em diversas materialidades e sim, ver como essas imagens produzem e reproduzem, por seu automatismo, efeitos de sentidos diversos e que se cristalizam historicamente. Por fim, considera-se que a reflexão política é um exercício necessário aos indivíduos e não apenas para os cientistas sociais e afins. Analisar uma materialidade de cunho político propicia uma relação menos ingênua com os fatos que são vivenciados no cotidiano. Assim, observar regimes governamentais e seus possíveis efeitos é uma ação que convida a sairmos do estado de inércia para uma formação plena enquanto cidadãos.

REFERÊNCIAS

ADNET, Marcelo *et al.* **O conto do vigário**. Samba de enredo do GRES São Clemente 2020. Disponível em: <http://www.galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/sao-clemente/2020/>. Acesso em: 30 set. 2020.

BARBOSA, Livia. **O Jeitinho Brasileiro**: a arte de ser mais igual que os outros. Rio de Janeiro: Campus, 1982.

CNN Brasil. Pastores envolvidos em escândalo do MEC foram 28 vezes ao Planalto. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/pastores-envolvidos-em-escandalo-do-mec-foram-28-vezes-ao-planalto/#:~:text=Pastores%20envolvidos%20em%20esc%C3%A2ndalo%20do%20MEC%20foram%2028%20vezes%20ao%20Planalto,-Arilton%20Moura%20e&text=Pe%C3%A7as%20centrais%20num%20esc%C3%A2ndalo%20de,Planalto%20entre%202019%20e%202022>. Acesso em: 26 mar. 2023.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1983.

FOLHA DE SÃO PAULO. **FolhaJus**. Ex-ministro Milton Ribeiro e pastores são presos pela PF - 22/06/2022 - Poder – Folha. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/06/pf-mira-ex-ministro-e-pastores-ligados-a-bolsonaro-em-operacao-sobre-verba-do-mec.shtml>. Acesso em: 13 jul. 2022.

GALERIA DO SAMBA. Rio de Janeiro. **Grêmio Recreativo Escola de Samba São Clemente**. 2020. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/sao-clemente/>. Acesso em: 14 dez. 2022.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**: Edição crítica – 80 anos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação**; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. EniOrlandi *et al.* 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.